

SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA “TORTO ARADO”

Fabio Lanza (UEL-PQ)¹

Franciele Rodrigues (UEL-PG)²

524

Resumo: Esta comunicação tem como principal finalidade identificar contribuições da obra literária “Torto Arado”, de autoria do geógrafo brasileiro Itamar Vieira Júnior, para o aprofundamento das discussões sobre diversidade e sincretismo religioso no Brasil. Assim, constituem nossos objetivos: apontar quais expressões religiosas e de religiosidades estão presentes no livro, como elas são retratadas e, portanto, em quais sentidos cooperam para o conhecimento do campo religioso em âmbito nacional. Intentamos, ainda, refletir sobre tais processos considerando os diálogos e conflitos estabelecidos entre as diferentes manifestações religiosas e místicas. Empregamos como metodologia pesquisa bibliográfica através da qual mobilizamos, além de fragmentos do exemplar indicado, conhecimentos da Sociologia das Religiões e do pensamento decolonial. Entre os achados da análise, apontamos que “Torto Arado” corrobora para a disseminação de elementos de culturas marginalizadas e de manifestações religiosas minoritárias, cooperando assim, para o tensionamento de relações de poder, responsáveis por hierarquizar de maneira interseccional segmentos da população brasileira.

Palavras-Chaves: Torto Arado. Religiões. Sincretismo. Poder.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscaremos identificar e refletir sobre as contribuições da obra “Torto Arado” a fim de compreendermos o sincretismo religioso no Brasil. Diante disso, partimos das seguintes perguntas: de quais modos as religiões e religiosidades estão presentes na obra? Quais expressões religiosas e de religiosidades são apresentadas no título? Quais sentidos podem ser captados a partir delas e em que medida cooperam para entendermos as dinâmicas socioculturais e as relações de poder que formam o campo religioso brasileiro?

O livro “Torto Arado”, escrito por Itamar Vieira Junior, geógrafo baiano, doutor em estudos étnico-africanos, servidor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), conquistou popularidade no Brasil a partir de 2019³, ano em que foi publicado pela editora Todavia, chegando a receber o prêmio Jabuti na categoria Romance Literário. O exemplar conta a história de Bibiana e Belonísia, duas irmãs que vivem na fazenda Água Negra,

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail de contato: lanza1975@gmail.com

² Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sociologia e discente de Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail de contato: franciele.rodrigues@uel.br

³ “Torto Arado” foi publicado em Portugal primeiramente em Portugal, em 2018.

localizada na Chapada da Diamantina, estado da Bahia. Percorrendo as páginas, acompanhamos por anos a vida das meninas e daqueles que convivem com elas. Já nas primeiras linhas, o autor narra um acidente ocorrido durante à infância, quando elas manuseavam escondidas o facão da avó, Donana.

O objeto permeado de misticidade – elemento que se repete em outras cenas - foi responsável por rasgar a língua de uma das irmãs que, então, passou a depender da outra para comunicar-se, para ser a sua voz. A partir da obra podemos levantar discussões sobre diferentes e importantes questões como: condições precárias de trabalho no campo, escravidão, racismo, direito à terra, relações de gênero, ancestralidade, religião.

Como pontuado anteriormente, centraremos a nossa atenção neste último aspecto, ou seja, nos marcadores que nos permitem refletir sobre as presenças, trocas e conflitos entre as religiões e religiosidades na sociedade brasileira. Neste sentido, pontuamos que no livro é explorado: o Jarê, manifestação religiosa responsável por mesclar crenças africanas, católicas, espíritas e xamânicas.

Assim, em um primeiro momento apresentaremos reflexões sobre as potencialidades dos textos literários para o desenvolvimento da “imaginação sociológica”. Em seguida, apontaremos alguns trechos em que evidenciamos a presença das religiões e religiosidades na obra e a partir de tais fragmentos buscaremos refletir sobre a diversidade religiosa e sincretismos, características marcantes no cenário religioso nacional. Para mais, destacaremos as relações de poder existentes entre as diferentes manifestações religiosas, o que pode ser observado, inclusive, na dificuldade de conhecermos mais sobre saberes produzidos por grupos marginalizados.

LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Já no final da década de 1980, Antônio Cândido, chamou a atenção para a intrínseca relação entre direitos humanos e cultura. Para ele, assim como outros serviços sociais básicos, a Literatura constituía um direito de todos os indivíduos. Esta seria uma ferramenta de grande relevância para a instrução e formação da consciência crítica dos sujeitos, principalmente, se considerarmos as produções que integram a “Literatura Proscrita”⁴, ou seja, criações que revelam e problematizam problemas sociais como as diferenças de classe social, racismo,

⁴ No entanto, ressaltamos que para Antônio Cândido a “Literatura Sancionada”, ou seja, aquela prestigiada pela cultura dominante não deveria ser um monopólio das classes dominantes, ou seja, todos os indivíduos, independentemente de suas condições econômicas deveriam ter conhecimento.

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

machismo, entre outras assimetrias de poder.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações [...] E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 2011, p.176).

Com base neste entendimento, visualizamos a produção literária como um instrumento que coopera para o exercício da “imaginação sociológica”. Em suma, acordo com o sociólogo norte-americano Wright Mills, o termo - elaborado em 1960 - expressa uma postura criativa que permite aos indivíduos compreenderem as relações entre suas experiências pessoais, privadas e o contexto mais amplo em que estão inseridos, ou seja, trata-se de um comportamento reflexivo que possibilita a desnaturalização das causas e reflexos dos fenômenos sociais ao passo que oportuniza a identificação dos atores, agências e interesses que os integram.

Enfatizamos, assim, a necessidade do estranhamento frente aos acontecimentos em planos micro e macrossociais para a promoção de rupturas à ordem social estabelecida. Nos alicerçando nesta ideia, a seguir, refletiremos sobre a obra “Torto Arado” a fim de levantar discussões sobre diversidade religiosa, sincretismos e as relações desiguais que perpassam tais processos na sociedade brasileira.

TORTO ARADO E A PRESENÇA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES

Em “Torto Arado”, Itamar Vieira Júnior incorpora uma das ricas tradições culturais da Chapada da Diamantina — o Jarê. A religião, exclusiva da localidade, mistura credos e crenças africanas, católicas e xamânicas. Banaggia (2017) explica que o Jarê surge com senhoras africanas e suas descendentes diretas, estas últimas denominadas “nagôs”. É importante lembrar que o Brasil foi o país do continente americano que recebeu maior fluxo de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX, chegando a mais de 4,8 milhões de pessoas.⁵

⁵ Sobre este assunto, recomendamos a leitura da obra “Dicionário da escravidão e liberdade” organizada pelos pesquisadores Lília Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes.

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: Uel, 2021.

Segundo o pesquisador, o Jarê pode ser compreendido como uma expressão de “candomblé dos cablocos”. Seus praticantes realizam festas, nas quais dançam, cantam e possibilitam que entidades se manifestem em seus corpos. A respeito desta característica, o excerto a seguir retirado do romance é ilustrativo:

Depois do almoço, e espalhados pelo terreiro, meus primos foram se entrosando. A casa onde iriam ficar estava mais próxima do rio Santo Antônio, do lado oposto à nossa casa. Assim, nosso contato não seria tão frequente, nos veríamos nas festas e feriados, ou nos dias das brincadeiras do jarê em nossa casa. Não cheguei a vê-los nos arrozais da várzea do Santo Antônio, para saber se espantavam o chupim tão bem como nós. Mas Severo, o primo tímido, chegava de tempos em tempos com meus tios para nos visitar. Se era brincadeira de jarê, ficávamos acordados até a madrugada correndo pelo terreiro, contando histórias e rindo alto (VIERA JÚNIOR, 2018, p.36).

Assim, de acordo com Banaggia (2017) a presença de elementos das culturas indígenas é marcante seja através da participação de segmentos destes grupos nas cerimônias ou de seus deuses: “não havia motivo para tentar saber se as entidades que chegavam às casas das nagôs eram espíritos de indígenas que haviam falecido ou espíritos aos quais essa população recorria” (BANAGGIA, 2017, p.126).

O pesquisador ressalta que as nagôs criavam espaços de adoração do lado de fora de suas casas receber as entidades indígenas nos terreiros durante as festas (BANAGGIA, 2017). Este fenômeno chamado por ele de “sincretismo afro-indígena” possibilitou que o Jarê, antes restrito aos coletivos africanos, passasse a ser frequentado por outras camadas da sociedade. Banaggia (2017) pontua que até hoje o tipo de Jarê praticado na Chapada Diamantina possui grande influência das culturas indígenas.

Passaram a predominar cantigas em língua vernácula (com cada vez menos gente entendendo o que diziam os espíritos que “falavam cortado”, ou em “língua de nagô”, como por vezes se diz), ritmos de música e dança considerados mais acelerados, bem como momentos determinados destinados à prática de cura. As entidades passaram a ser chamadas todas de modo quase indistinto de “caboclos”, ainda que sua divisão em conjuntos específicos (chamados de aldeias, povos e forças) por vezes enfatize ou atenua o caráter africano ou indígena de cada agrupamento (BANAGGIA, 2017, p.126).

Não obstante, Camurça (2009) busca compreender as relações de força presentes no campo religioso brasileiro, ou seja, procurou identificar como ocorrem processos de troca e de conflitos entre as diferentes denominações religiosas sem perder de vista a dinamicidade destes movimentos. De acordo com ele, uma característica predominante das práticas religiosas no Brasil é a formação de uma “linguagem comum”, isto quer dizer que há a mistura de elementos

das expressões tradicionais, dominantes (cuja maior manifestação é o catolicismo⁶) com experiências subalternizadas a exemplo das crenças indígenas e africanas.

A nosso ver, um dos pilares dessa *linguagem comum* é a crença compartilhada de que o nosso mundo está envolvido por outra dimensão “encantada” que produz uma constante comunicação nossa com seus seres “sobrenaturais”: “almas”, “espíritos”, “santos”, “anjos”, “demônios”, “orixás”, “aparições da Virgem”, “posse do Espírito Santo”. A influência desse outro plano e seus seres no destino dos homens adquire conotações benéficas e/ou maléficas (CAMURÇA, 2009, p.175, grifo do autor).

É fundamental apontar que Camurça (2009) concebe os “empréstimos mútuos” ou “sincretismos” entre as religiões como processos permeados por hierarquizações e desigualdades. Dito de outro modo, segundo o autor, para conseguir sobreviver na sociedade brasileira, minorias religiosas tiveram que se “compatibilizar” com as religiões hegemônicas.

Portanto, Camurça (2009) partindo de uma perspectiva história, entende que a comunicação entre manifestações religiosas diversas é marcada pela dominação da cultura europeia/portuguesa sobre as vivências de grupos indígenas e africanos. Desse modo, elementos são compartilhados, porém ressignificados, frequentemente descaracterizados e estereotipados. Esta faceta do sincretismo, dotada de estigmas e violações, é considerada como “revanchismo”. Recorrendo as palavras do pesquisador:

Na verdade, parece ocorrer uma revanche da esfera do sincretismo contra a definição de identidades, que faz com que, nas práticas, crenças e rituais desses grupos religiosos exclusivistas, ocorram incorporações e permanências das antigas crenças e cultos rejeitados. Pois rejeição não significa descrença e indiferença aos antigos credos – candomblé, umbanda e kardecismo – mas *uma redefinição da natureza desses fenômenos*, vistos agora como “sinal trocado”: o que era considerado positivo e bom passa a ser negativo e mau; o que era considerado uma dádiva dos deuses ou dos guias espirituais passa a ser visto como obra do demônio e sua legião (CAMURÇA, 2009, p.180, grifos do autor).

No caso das religiões afro-brasileiras, esta captura deslegitimada torna-se ainda mais evidente se considerarmos as vivências das igrejas neopentecostais⁷ e, dentre elas, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)⁸: “o terreiro é reconstituído no interior mesmo do culto

⁶ É importante lembrar que o número de adeptos ao catolicismo tem diminuído nas últimas décadas no Brasil. Ricardo Mariano (2013), com base em dados disseminados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificou que entre 1980 e 2010, o número de católicos na sociedade brasileira decaiu de 89,2% para 64,4% ao passo que os “evangélicos” (categoria heterogênea que reúne protestantes históricos, pentecostais, neopentecostais) saltaram de 6,6% para 22,2% da população, atingindo 42,3 milhões de pessoas.

⁷ “A aceitação das nomenclaturas e identidades dos espíritos dos cultos afro-ameríndios (exemplo: pretos velhos, exus, pombas giras, etc.) como sendo entidades por aqueles cultos afirmadas. Os evangélicos creem na existência de tais espíritos, mas não reconhecem sua designação como sendo as dadas pelos cultos afro-ameríndios, ou seja, espíritos humanos desencarnados ou deuses primitivos, mas discerne-os, antes de tudo, como espíritos malignos ou demônios, conforme o Novo Testamento (CAMURÇA, 2009, p.180).

⁸ Sobre este assunto, recomendamos a leitura do ensaio “Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo” de autoria do professor Vagner Gonçalves da Silva.

pentecostal, quando exus e pombagiras são adorizados para serem triunfalmente exorcizados” (SANCHIS apud CAMURÇA, 2009, p.180).

Entretanto, é necessário pontuar também que as religiões de matriz africana criaram múltiplas formas de resistência frente aos movimentos etnocêntricos de aculturação. Isto posto, destacamos que no decorrer do romance, por diversas vezes Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia e cativo da fazenda Água Negra, incorpora “encantados”, conforme exemplifica o trecho abaixo:

Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. *Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra* (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.28).

É interessante observar que a passagem reforça a legitimidade da “face mágica” do homem mediante à comunidade. Ademais, indica que os moradores ao não possuírem acesso a direitos e serviços públicos básicos (como saúde) buscavam a liderança a fim de garantir a sobrevivência. Para além da ficção, a atuação de manifestações religiosas, por vezes ofertando condições de subsistência, atividades culturais, esportivas, entre outras ações sociais, em contextos mais vulneráveis, nos quais Estado e políticas públicas não chegam ou apenas de maneira precária pode ser identificado em diversas religiões do país.

SANTA RITA PESCADEIRA

Durante entrevista à revista Gama⁹, concedida em 2020, Itamar Vieira Júnior contou que a escolha de Santa Rita Pescadeira como narradora da terceira parte do livro não foi aleatória, surgiu após o desenvolvimento de pesquisas para a composição da obra. Segundo o escritor, a opção decorre da tentativa de resgatar “tradições que estavam sendo esquecidas”. Não à toa, a oralidade é uma das principais práticas empregadas por coletivos indígenas, afro-brasileiros a fim de repassar modos de vida, cosmologias, conhecimentos entre as diferentes gerações.

Santa Rita Pescadeira é uma encantada que existe no Jarê. Mas durante a minha pesquisa não encontrei nenhuma informação sobre ela, apenas que existia. Entrevistei muita gente, inúmeras famílias e elas já não conheciam a encantada. Os poucos que

⁹ Ver: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/a-desigualdade-seja-do-passado-ou-do-presente-passa-pela-terra/>.

havam visto ela dançar ou alguém incorporá-la não lembravam de muita coisa. Não lembravam como ela dançava ou de como era a música. Se eu perguntava quem a incorporava, descobria que a pessoa já tinha morrido [...] trago um certo inconformismo, dou voz ao que está sendo esquecido para narrar a história. E é uma voz poderosa, a única capaz de fazer uma ponte entre o presente e o passado ancestral que o povo de Água Negra carrega nas costas.

Logo, ao longo da obra por diversas vezes é possível identificarmos o esforço do autor em apresentar Santa Rita Pescadeira, entidade importante no Jarê. A encantada aparece por meio de dona Miúda, conforme demonstra o seguinte excerto:

Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossava de sua carne seu nome era Santa Rita Pescadeira. Foi nela que cavaleguei por tempo, não conto o tempo, mas montei o corpo de Miúda, solitária. Sou muito mais antiga que os cem anos de Miúda. Antes dela, me abriguei em muitos corpos, desde que a gente adentrou matas e rios, adentrou serras e lagoas, desde que a cobiça cavou buracos profundos e o povo se embrenhou no chão como tatus, buscando a pedra brilhante (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.179).

Destacamos a presença de Santa Rita Pescadeira em “Torto Arado” a fim de pontuar outra característica que abarca as interações entre religiões e religiosidades no exemplar, a saber: o sincretismo religioso entre as religiões de matriz africana e o catolicismo. Neste sentido, Bastide (1971) argumenta, por exemplo, que a partir da separação das comunidades, negros tiveram de adaptar as suas religiões e religiosidades ao catolicismo que era praticado no Brasil Colônia, lembrando que Portugal era um reino oficialmente cristão-católico e coibia quaisquer outras manifestações: “[...] para poder substituir durante todo o período escravista os deuses negros foram obrigados a se dissimular por trás da figura de um santo ou de uma virgem católica” (BASTIDE, 1971, p.359).

Diante disso, Santa Rita, de acordo com o catolicismo, cuja data no calendário judaico cristão é celebrada em 22 de maio, corresponde à padroeira das causas impossíveis, protetora das viúvas e a santa das rosas. Esta, a partir do sincretismo religioso, é relacionada à Obá, orixá feminina que, por sua vez, é cultuada como sendo a mesma que Iansã e, então, representa as águas revoltas dos rios, as pororocas, as águas fortes, o lugar das quedas são considerados seus domínios. Ela também controla o barro, água parada, lama, lodo e as enchentes.

Não obstante, de acordo com estudos realizados por Bastide (1971) Iansã é identificada em diversas regiões brasileiras como na Bahia, Recife, Alagoas, Porto Alegre, Pará, Maranhão como Santa Bárbara, a qual possui influência sobre raios, tempestades e trovões. Na passagem a seguir, é possível verificarmos a vivência do sincretismo religioso explorada por Itamar Vieira Júnior:

Foi na noite de Santa Bárbara, em dezembro, e meu pai, apesar de suas obrigações nas

brincadeiras do jarê, havia acordado mal-humorado, com respostas lacônicas às perguntas que lhe faziam. Só os mais próximos, como nós, sabíamos o porquê do desconforto visível em seus gestos. No fim da tarde, dona Tonha trouxe, numa caixa antiga, adornos de encantada que meu pai vestiria à noite, depois da ladainha, e à medida que os espíritos chegassem e lhe tomassem o corpo para se fazerem presentes. Na caixa estavam guardadas as roupas de Santa Bárbara, Iansã, a dona da noite, lavadas e passadas desde a última vez em que Zeca a havia vestido (VIERA JÚNIOR, 2018, p.53).

Entretanto, como alerta Batisde (1971) o sincretismo religioso não é um processo mecânico, reflexo apenas do contato de civilizações diferentes, corresponde, primeiro, a processos culturais marcados por diálogos e conflitos, haja vista que também entre as religiões de matriz africana há grande diversidade que devemos considerar a fim de não incorrer em generalizações e violências.

Os santos e os orixás não são confundidos, ou ao menos não são identificados inteiramente uns com os outros; são inclusive bem distintos nos terreiros ketu, igêxá ou nagô, são postos em mútua relação, assim como os negros estão em relação com os brancos sem se fundirem como eles totalmente (BASTIDE, 1971, p.391).

Isto dito, no tópico seguinte propomos uma breve reflexão sobre o desconhecimento de culturas dissidentes, atentando-nos aos saberes e práticas religiosas experienciais por tais grupos. Compreendemos que tais ausências e silêncios constituem dinâmicas de poder mais amplas, com as quais a obra analisada contribui para o rompimento.

COLONIALIDADE E PODER: POR QUE SABEMOS TÃO POUCO DE NÓS MESMOS?

Como pontuado, “Torto Arado” traz discussões sobre religiões e religiosidades não hegemônicas no campo religioso brasileiro, contribuindo, assim, para a construção de olhares outros sobre as manifestações religiosas existentes no território nacional. Consideramos, então, que através dos conhecimentos partilhados no livro, é possível vislumbrarmos novas formas de interpretar a realidade social e, conseqüentemente, as relações entre religiões e religiosidades na sociedade brasileira.

Neste sentido, Adelia Miglievich Ribeiro (2014) explica que o desenvolvimento de uma “razão decolonial” é urgente na medida em que nos possibilita revisitarmos conhecimentos científicos construídos em diferentes áreas, nos levando, assim, a compreender o mundo em sua complexidade. A autora indica, portanto, a tarefa de captar a “diversalidade” dos fenômenos, o que se torna mais difícil a partir de uma visão dualista e simplificadora.

Em complementariedade à ruptura epistemológica com um modelo de razão moderna dicotômica, o pensamento decolonial tem os desafios ético e político de explicitar o

silenciamento de determinados sujeitos ao longo da história: “nas distintas vertentes e peculiaridades, chamamos de pós-colonial o esforço de articulação das vozes subalternas em busca da condição de sujeitos de sua própria fala e história” (RIBEIRO, 2014, p.67).

Assim, a corrente decolonial não despreza integralmente a modernidade e seus reflexos – a exemplo dos direitos humanos – também não almeja rivalizar saberes produzidos em diversas partes do mundo, ao contrário disso, procura relativizar, contextualizar conceitos, explicações universalizantes ao passo que considera experiências, conhecimentos locais, ou seja, elaborados em outros contextos e agentes para além dos hegemônicos.

A cosmovisão moderna pecou ao se considerar sinônimo de conhecimento único, verdadeiro, universal, esquecendo se tratar de uma cosmovisão dentre outras. O principal desafio ético-político-epistemológico trazido pela razão decolonial é a consciência da geopolítica do conhecimento, a partir da qual se trata de rejeitar a crença iluminista na transparência da linguagem em prol de uma *fratura epistemológica* capaz de inserir uma perspectiva inédita e libertadora tanto no campo discursivo como na esfera da ação, assumindo a impossibilidade de qualquer ciência falar em nome de coletividades heterogêneas e multifacetadas mas a premência de se insurgir contra quaisquer estruturas de poder e opressão que silenciem alguém (RIBEIRO, 2014, p.78, grifo da autora).

Ribeiro (2014) evidencia que a colonialidade se mantém na atualidade de modo que pode ser percebida na divisão internacional do trabalho, hierarquização dos conhecimentos, entre outros aspectos. A este respeito, uma das problematizações da razão cosmopolita é o questionamento da linearidade do tempo e, portanto, de ideias intrínsecas como progresso econômico, modernização, entre outras. Nesta perspectiva, para Aníbal Quijano (2000) a “descoberta” da América ocorre através da instauração de novas relações de poder organizadas em ao menos três dimensões indissociáveis, a saber: esfera econômica (vigente desde o mercantilismo até às atuais divisões do trabalho), esfera identitária (hierarquização entre pertencimentos étnico-raciais diversos) e esfera epistêmica (diferenciação fabricada entre as culturas leva ao pressuposto de que há divisão dos indivíduos entre sujeitos-objetos).

Aprofundando as reflexões acima, o autor ao referir-se a ideia de “colonialidade do poder” argumenta que as três dimensões não foram superadas com o fim do colonialismo. Assim, com relação à história da América Latina destaca a categoria “raça” como chave para a hierarquização entre “conquistadores” e “conquistados”, ou seja, constitui o que denomina de “categoria mental da modernidade”. Sob este prisma, supostamente características biológicas, fenotípicas seriam responsáveis por classificar de maneira arbitrária e homogeneizante alguns grupos (a exemplo de indígenas, negros, mestiços, entre outros) como naturalmente inferiores.

Com isso, segundo Quijano (2000), termos como “português”, “europeu”, além de indicar pertencimentos geográficos específicos, também teceram novas identidades – estas

últimas ancoradas na perspectiva racial – levaram ao estabelecimento de papéis sociais e, consequentemente, de relações de dominação. De acordo com Quijano (2000) é interessante observar que, o conhecimento predominantemente eurocentrado¹⁰ irá disseminar tais ideias para o mundo legitimando, assim, formas de subordinação diversas, sendo uma das mais expressivas: a divisão racista do trabalho, esta última ainda se mantém sob a égide do capitalismo mundial, haja vista que negros tendem a desempenhar funções com menor prestígio social no mercado de trabalho, e mesmo em situações que realizem as mesmas tarefas do que sujeitos brancos, são remunerados com menores valores.

Mulheres negras, por exemplo, (personagens centrais em “Torto Arado”) ocupam a base da pirâmide social na sociedade brasileira, ou seja, são as que possuem rendimentos mais baixos¹¹ e preenchem as vagas mais precarizadas. Retomando as reflexões de Quijano (2000) é importante pontuar que as relações de dominação não ficam restritas à dimensão estrutural, ao contrário disso, perpassam também as subjetividades, imaginários, saberes, e, portanto, o desenvolvimento das culturas amplamente. Logo, a modernidade e a racionalidade foram compreendidas como experiências circunscritas a Europa Ocidental. Esta visão impulsionou a criação de binarismos como: Ocidente-Oriente, primitivo-civilizado, tradicional-moderno, mágico-científico-secular. Assim, tais grupos assentados em uma compreensão evolucionista, passaram a se auto identificarem como os mais evoluídos dentre a espécie humana (QUIJANO, 2000).

Prosseguindo com o debate, para Mignolo (2007) a América Latina foi forjada sob a interpretação do “outro”, a partir do entendimento de que constitui novos tempo-espço sempre insuficientes, isto é, estão em situação de complementariedade e subordinação aos países e povos europeus. Percebamos, então, que a associação intrínseca entre modernidade e europeização coloca como principal finalidade a condução inexorável ao crescimento econômico, ou seja, as demais nações estariam em constante desenvolvimento, no “vir a ser” e os modelos a serem seguidos são: Ocidente-Europa.

Diante disso, com base na premissa de “colonialidade do poder” de Quijano, Mignolo (2007) argumenta acerca do “pensamento liminar” que, em síntese, nos instiga a repensarmos

¹⁰ Segundo Quijano (2000) o eurocentrismo é uma forma de conhecimento que surge na Europa Ocidental por volta do século XVII, entretanto: “não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo” (QUIJANO, 2000, p.126).

¹¹ A pesquisa “Desigualdades sociais por cor ou raça”, publicizada em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciou que mulheres negras, na base da pirâmide social, receberam em média menos da metade dos salários dos homens brancos (44,4%), grupo que ocupa o topo da escala de remuneração no país.

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/Uel), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2021.

a condição da América Latina de maneira crítica, reflexiva. Para tanto, é preciso desconstruirmos o domínio de “projetos globais” de pretensões modernistas, universais e nos atentarmos às “histórias locais”, considerando as “diferenças coloniais” que permeiam estas últimas, ou seja, valorizando as cosmologias, modos de vida, assimetrias, resistências, criados pelos coletivos, inclusive, em face aos processos de assimilação, entre outros próprios.

Dito de outro modo, Mignolo (2007) denomina a postura acima de “hermenêutica pluritópica”, esta concerne a um conhecimento que integra locais múltiplos. Contudo, é primaz pontuar que não se trata de uma recusa irrestrita aos modelos globais, mas sim de experiências que constituam enfrentamentos e diálogos a eles. Com base em tais considerações, a seguir buscaremos refletir sobre as contribuições do pensamento decolonial para os estudos de gênero no Brasil, mais especificamente, a fim de entendermos as relações estabelecidas entre mulheres e religião na sociedade brasileira.

Mais recentemente, Boaventura de Sousa Santos (2018) estabeleceu o termo “epistemicídio” referindo-se à ocultação e desvalorização das vivências, saberes produzidos nas regiões não ocidentais. Ou seja, trata-se de uma visão crítica aos processos colonialistas e imperialistas como os desenvolvidos por países europeus e a partir dos quais outras partes do mundo foram subjugadas. Diante disso, destacamos além da exploração física de povos originários, as tentativas de apagamento de suas culturas, histórias, conhecimentos, a exemplo das comunidades indígenas, populações africanas e afro-brasileiras.

É sabido que a negligência à existência de tais coletivos dificulta a promoção de uma sociedade mais diversa, assentada no reconhecimento dos direitos de todos os segmentos e, então, compromete o estabelecimento de uma realidade social mais propensa à igualdade e ao exercício da democracia. Estes impedimentos, por sua vez, contribuem para a reprodução de violências múltiplas. Nesta perspectiva, pesquisas demonstram que negros constitui o grupo que mais morre vítima de violência policial no Brasil¹², também são a maioria no sistema prisional brasileiro¹³.

Ainda, especificamente, no âmbito do campo religioso, religiões afro-brasileiras são as que lideram índices de intolerância no país, 25% das denúncias de crimes de ódio partem deste segmento, embora representem 1,6% da população. A este respeito, dados do Ministério dos Direitos Humanos apontou que, entre 2015 e 2017, uma denúncia de intolerância religiosa foi realizada a cada 15 horas no Brasil. A maior parte dos casos aconteceram em São Paulo, Rio

¹² Mais informações em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-12/negros-sao-maioria-dos-mortos-pela-policia-em-5-estados-diz-pesquisa>.

¹³ Ver: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>.

de Janeiro e Minas Gerais. É importante ressaltar que, com frequência, as religiões de matriz africana são vítimas de violências físicas e simbólicas que partem não apenas de camadas da sociedade civil, também de órgãos institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta comunicação, buscamos refletir sobre a presença das religiões e religiosidades na obra literária “Torto Arado” cujo autor é Itamar Vieira Júnior. Observamos que, por meio do exemplar, há referência ao Jarê, expressão religiosa que apresenta influências africanas e indígenas, entre outras. Diante disso, consideramos que o livro coopera para suscitar reflexões sobre diversidade e sincretismo religioso na sociedade brasileira na medida em que propicia aos leitores conhecimentos sobre culturas subalternizadas.

A este respeito, vimos que uma das principais críticas tecidas pelo pensamento decolonial é o reforço da modernidade como instrumento de manutenção do colonialismo. Tais procedimentos incorporam, assim, o que Mignolo denominou de “Geopolítica do Conhecimento”. Logo, o que se percebe é a desmistificação, também, da neutralidade das Ciências, já que estes campos passam ser entendidos como perpassados por interesses políticos, econômicos ao passo que, igualmente, influenciam na criação de projetos de sociedade.

Ratificamos, porém, que não é intenção de tal corrente rechaçar e deslegitimar os saberes eurocentrados, porém é imprescindível considerarmos que eles partem de uma visão de mundo específica, e há múltiplas possíveis. Com isso, entendemos que identidades plurais não constituem valores, posturas que deverão ser homogeneizadas, ou seja, não correspondem a realidades em que cabe a branquitude, dominação masculina heterossexual, cristã atuar para normatizar, visto que as minorias sociais não expressam irregularidades, não configuram problemas que precisam ser resolvidos, ao contrário disso, representam as múltiplas formas de vida existentes.

Salientamos, por fim, a importância de produções que contribuam para a disseminação de elementos que compreendem a diversidade cultural e religiosa vigente no país a fim de que estes sejam contemplados ao pensarmos no estabelecimento de políticas públicas que possam levar efetivamente a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática. De igual maneira, pontuamos a urgente necessidade das universidades e demais espaços voltados à construção de conhecimentos, dialogarem com outras formas de apreender a realidade social, rompendo com hierarquizações de saberes e tornando-se, assim, mais inclusivos e vivos.

REFERÊNCIAS

- BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, 9 (2), jul./dez.2017.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. Editora Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2011.
- CAMURÇA, Marcelo. **Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro**. Revista USP, São Paulo, n.81, p.173-185, março/maio, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. (2007): El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifiesto. In: Castro-Gómez, S. & Grosfoguel, R. (eds.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 4.a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- QUIJANO, Aníbal (2000): Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina, pp.201-246 in LANDER, E. (org.) **La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO.
- RICARDO, Mariano. **Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.
- RIBEIRO, Miglievich Adelia. **Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna**. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v.14, n.1 p.66-80, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas**/Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. Grupo Leya, Portugal, 2018.
- _____. “A desigualdade, seja no passado ou do presente, passa pela terra”. [Entrevista concedida a] Daniel Vila Nova. Revista Gama, dezembro, 2020.

* * * * *